

# **CRIANÇAS E INFÂNCIAS, SUJEITOS DE INVESTIGAÇÃO: BASES TEÓRICO-METODOLÓGICAS**

Rosângela Francischini - UFRN.  
Herculano Ricardo Campos –UFRN.

## **Resumo**

Apesar de sempre existirem crianças, caracterizadas enquanto seres biológicos em períodos iniciais de desenvolvimento, a infância, conceito/categoria social com estatuto próprio é uma construção da Idade Moderna. Vários fatores contribuíram para essa construção, dentre os quais destacamos a institucionalização da escola pública, o reordenamento da dinâmica no interior da família, passando, a criança, a ser centro de proteção e de cuidados, e a construção de um conjunto de conhecimentos que possibilitaram a configuração de padrões de desenvolvimento considerados “normais” e, conseqüentemente, guias para nortear as intervenções dirigidas a essa parcela da população. Esse conceito, no entanto, longe de ser único e universal, encerra uma construção histórica e social; comporta, portanto, diferentes características, mutáveis, em decorrência dos espaços sociais, culturais e históricos nos quais se inserem as crianças. Infâncias, sinalizado no plural no título deste trabalho, sintetiza e ao mesmo tempo reflete a possibilidade teórico-metodológica aqui assumida. É do lugar de quem elege, como fonte privilegiada de discussão, os enfoques histórico-cultural e discursivo, que nos posicionamos ao fazer as afirmações acima e que definimos o objetivo desta oficina, assim delineado: discutir as especificidades teórico-metodológicas da investigação com crianças, considerando-se as relações pesquisador-pesquisado, os cuidados na escolha dos procedimentos para a composição do corpus e as possibilidades de análise/interpretação dos dados. Assim, serão abordadas as diferentes posições assumidas pelos sujeitos no processo de investigação, a utilização de desenhos, histórias, fantoches, dentre outros recursos, como desencadeadores do discurso da criança e, no interior dos enfoques teóricos sinalizados acima, a análise/interpretação dos dados.

**Palavras-chave:** Metodologia de Pesquisa, Pesquisa com crianças, pesquisa qualitativa.

## **Abstract**

Although children, characterized as biological beings in initial periods of development, have always existed, the childhood as a concept and social category with its own statute is a construction of the Modern Age. Several factors have contributed to this construction, among which the institutionalization of the public school; the re-ordering of the dynamics inside the family, with the child being the center of protection and care; and the construction of a set of knowledge that enables the configuration of development patterns considered “normal” and, as a consequence, becomes guidelines to direct the interventions addressed to this part of the population. This concept, however, far from being unique and universal, comprehends a historical and social construction allowing, therefore, different characteristics that are changeable because of the social, cultural and historical spaces where the children are inserted. The plural word childhoods, present in the title of this paper, synthesizes and, at the same time, reflects the theoretical-methodological possibility assumed here. It is from the place of those who elect, as a privileged source of discussion, the historical-cultural and discursive approaches, that we stand when we make the statements above and thus define the goal of this workshop, namely: to discuss the theoretical-methodological specificities of the investigation with children, considering the researcher-researched relationships, the care in the choice of procedures for the corpus composition and the possibilities of analysis/interpretation of data. Thus the following aspects will be tackled: the different positions assumed by the subjects in the process of investigation; the utilization of drawings, stories, puppets, among other resources to arouse the children’s speech and, inside the theoretical approaches mentioned above, the analysis/interpretation of data.

**Key words:** *research with children, qualitative research, childhood.*

## INTRODUÇÃO

Este trabalho tem por objetivo discutir as especificidades teórico-metodológicas da investigação com crianças, considerando-se as relações pesquisador-pesquisado, os cuidados na escolha dos procedimentos para a composição do *corpus* e as possibilidades de análise/interpretação dos dados. A estruturação do mesmo, no entanto, responderá às características de uma Oficina de Método<sup>1</sup>, cujo objetivo principal é, conforme orientação da organização do evento, compartilhar, com os participantes, as experiências em processos de investigação, suas facilidades e dificuldades e as decisões para transpor essas dificuldades.

Conforme apontado no resumo acima, elegemos, como fonte privilegiada de discussão, os enfoques sócio-cultural e discursivo; as observações que seguem, portanto, estão circunscritas a essas perspectivas teórico-metodológicas, cujos pressupostos serão retomados no desenvolvimento deste texto.

A representação da infância, enquanto referida a um sujeito com estatuto próprio, ocupando, portanto, um lugar social específico, é uma construção delineada pela Modernidade. No interior dessa discussão, assinalamos o pioneirismo de Ariès, dentre os teóricos da história da infância. Em *História Social da criança e da família* o referido autor aponta que as formas pelas quais os adultos concebem a criança vêm sofrendo alterações desde o final da Idade Média (século XVI), ponto de partida de seus estudos. Essas alterações ocorreram em conjugação com várias outras transformações, dentre as quais destacamos a institucionalização da escola pública, o reordenamento da dinâmica no interior da família, passando, a criança, a ser centro de proteção e de cuidados, e a construção de um conjunto de conhecimentos que possibilitaram a configuração de padrões de desenvolvimento considerados “normais” e, conseqüentemente, guias para nortear as intervenções dirigidas a essa parcela da população<sup>2</sup>.

A contribuição do trabalho de Ariès, conforme apontado por Corazza (2002), “foi relativizada de forma crítica e polemizada por vários historiadores, que apontaram, por exemplo, suas carências metodológicas em termos de comprovação das hipóteses, realizada apenas por meio de fontes iconográficas e figurativas; ou então que deixara de fora todo um segmento das classes sociais em desvantagem”, (Corazza, 2002: 82). No entanto, como assinalado pela própria autora, há que se reconhecer que Ariès inaugurou um novo caminho de pesquisas e indagações históricas sobre a infância, cujo diálogo, seja em nível de concordância, de recusa ou de revisão, segue utilizando-se de categorias apontadas por esse autor<sup>3</sup>. Em síntese, com o referido autor, podemos afirmar o caráter histórico e social da infância.

Ainda no interior dessa discussão, gostaríamos de destacar as reflexões propostas por Charlot (1983). Tendo como referencial para a discussão a “idéia de Infância” no pensamento pedagógico, o autor destaca as concepções de infância que nortearam a pedagogia tradicional e a pedagogia nova e que ao mesmo tempo foram construídas no interior dessas correntes pedagógicas, para, em seguida, discutir as significações ideológicas da idéia de infância. Segundo ele,

---

<sup>1</sup> Trata-se de uma Oficina proposta para o IV Fórum de Investigação Qualitativa, promovido pelo Núcleo de Educação em Ciência, Tecnologia e Matemática, da Faculdade de Educação – Universidade Federal de Juiz de Fora/MG.

<sup>2</sup> Esses fatores são comentados em várias produções bibliográficas. Na impossibilidade de fazê-lo aqui, remetemos o leitor para as seguintes obras: Boto (2002); Corazza, 2002); Macedo (2005); Sarmento (2004), dentre outros.

<sup>3</sup> Não caberia, aqui, aprofundar o tema, no sentido de traçar uma historiografia da composição do conceito de infância. Sinalizamos, no entanto, alguns autores, além do próprio Ariès (1981), que têm se ocupado das discussões sobre o tema. Dentre eles, destacamos Egle Becchi e Dominique Julia (1998), Bujes (2002); Freitas e Kuhlmann Jr. (2002), Pereira (2004); Cauvilla (1996), Faria, Demartini e Prado (2002), Corazza (2000), Del Priore (1998), Macedo (2005), dentre outros.

“É exato que a educação cultiva, mas é ideológico isolar a cultura do conjunto das relações sociais. É exato que a criança se desenvolve e se torna adulta, mas é ideológico fazer desse desenvolvimento um processo autônomo, sem levar em conta seu valor econômico, social e político. (...) Conceber a criança com referência à natureza humana (...) é não levar em consideração a classe social a que pertence, portanto, não reexaminar as desigualdades sociais.” (Charlot, 1983, p. 134s.)

Pensar o ser humano enquanto produção sócio-cultural, localizado e datado historicamente, implica em inserir-se, e também assumir uma determinada postura, em um debate recorrente, nas ciências humanas, sobre a especificidade do “objeto” de estudo dessas ciências e as conseqüentes possibilidades de se aproximar desse objeto. A partir da década de 80, com a divulgação dos trabalhos de Vygotsky, essa perspectiva de compreensão dos processos de constituição do sujeito vem ampliando seus espaços, principalmente no interior da Psicologia, da Lingüística e da Educação. Aprendemos, com esse autor<sup>4</sup>, que “é a sociedade e não a natureza que deve figurar em primeiro lugar como fator determinante do comportamento do homem”. (Vygotsky, 1995, p. 31). Assim, a constituição do ser humano, das *funções psicológicas superiores*, está diretamente relacionada às formas de vida e de interação, às práticas sociais e, mais especificamente, discursivas, características dos diversos momentos da história social. Aprendemos, ainda - e aqui, faz-se necessário incluir o pensamento de Bakhtin -, que as atividades humanas são permeadas pela utilização de sistemas de signos, dentre os quais a linguagem verbal ocupa posição de destaque. A consciência é semiótica, nos dirá Bakhtin (1995). O fato central de nossa Psicologia é o fato da ação mediada, nos afirma Vygotsky (1997).

Sob a ótica da perspectiva discursiva há dois aspectos a serem ressaltados. O primeiro, na ótica do que vem sendo discutido, diz respeito ao pressuposto de que os discursos dos sujeitos são reveladores de suas crenças, valores e concepções, cabendo ao pesquisador desvelar seu significado. Discursivo, também, diz respeito à primazia da linguagem enquanto signo por excelência na categorização, conceituação e classificação dos eventos, do contexto, dos objetos. Ou seja, é principalmente através da linguagem que o ser humano, antes de se valer de qualquer outro sistema simbólico, interage com os dados da realidade, tanto internalizando os sentidos já construídos quanto expressando aqueles por ele atribuídos, no contexto de emergência do discurso.

### **Criança enquanto sujeito de investigação**

É tomando por base os referenciais acima apresentados que se procede à investigação com crianças, em relação a que se discutem algumas das particularidades. No que diz respeito às relações envolvidas entre sujeito-pesquisador e sujeito-criança ressalta a assimetria entre eles, notadamente do ponto de vista do poder que detém o primeiro, num duplo movimento: do poder exercido pelo adulto nas relações sociais de modo geral e, no que remonta ao específico deste trabalho, do poder determinado pelo *status* de pesquisador. Assim, idade e competência configuram a dinâmica interativa da relação entre pesquisador e criança.

É importante, no entanto, observar que, a depender do objeto de investigação, a condição de poder do pesquisador se reveste de particularidades, assumindo certa feição caso se trate de investigação no domínio cognitivo, afetivo, social, por exemplo<sup>5</sup>. Quando se trata de pesquisas cujas respostas requeridas implicam uma construção cognitiva, o poder se efetiva pelo pressuposto de que há domínio do conhecimento em questão por parte do pesquisador.

<sup>4</sup> E com tantos outros, como Hegel, Marx, Bakhtin (1995), Wallon (1973, 1979, 1979a).

<sup>5</sup> Ainda que cada um dos aspectos cognitivos, afetivos e sociais possa prevalecer em um ou outro estudo, dependendo dos objetivos de cada um, ressalte-se a inter-relação entre eles, de modo que a divisão aqui apresentada tem caráter meramente didático.

Concomitantemente, do lugar da criança observa-se a condição de quem cria uma expectativa ante a possibilidade de ter seu desempenho avaliado em termos de certo ou errado. Tomando como certo que esta situação tem repercussões no resultado da pesquisa, cabe ao pesquisador desenvolver estratégias que possam minimizar tais efeitos. Por exemplo, estar atento ao processo e às estratégias empregadas pela criança para resolução das questões, sinalizando para ela que não há respostas esperadas em termos de certo ou errado; o importante é a sua construção particular de uma resposta.

No que diz respeito à investigação de aspectos da vida da criança que mobilizam sua afetividade, tanto se faz importante identificar a emergência deles no contexto da pesquisa quanto estar instrumentalizado para responder às necessidades da criança nessa situação. Certamente que, durante a pesquisa, aspectos afetivos podem emergir independente de se articularem com a situação propriamente de investigação, em face de razões de inúmeras ordens. Aqui, interessa-nos sobremaneira aqueles conteúdos que aparecem em decorrência das estratégias e procedimentos adotados intencionalmente pelo pesquisador. Em se tratando das possíveis respostas necessárias em face de tais circunstâncias, avalia-se que elas devem ser pensadas tendo em conta o tema do estudo, seus objetivos, o contexto da investigação, as características da relação pesquisador-pesquisado.

Por aspectos sociais entendem-se aqueles que dizem respeito a normas de conduta, valores, inserção institucional - familiar e comunitária. O que é particular em relação a esses aspectos é o fato de que, em se tratando do pesquisador e do pesquisado, eles são pessoas cuja inserção social pode ser diferente, levando a que desenvolvam também diferentes perspectivas e percepções a respeito dos aspectos referidos. Logo, há necessidade de que o pesquisador proceda de modo a não emitir juízos de valor a respeito das opiniões e ações dos pesquisados, sem que os avalie a partir dos referenciais que adota tendo em vista a sua particular inserção social.

As considerações precedentes, ainda que feitas de forma sucinta, sugerem a necessidade de que se considere, na ação investigativa, a diversidade de processos que tecem as relações entre pesquisador e criança, dentre os quais destacamos a assimetria nessas relações. Essa assimetria decorre das diferentes posições e papéis sociais assumidas por esses sujeitos. Não significa, no entanto, o apagamento do sujeito criança e a imposição do sujeito pesquisador. O funcionamento intra e interindividual, de acordo com os referenciais teórico-metodológicos que nos orientam, é de natureza semiótica e dialógica, isto é, mediado por signos e práticas sociais do sujeito com o outro. Nessas práticas, conforme Bakhtin (1995), os sujeitos assumem determinados posicionamentos, e seu discurso é sempre atravessado por vozes diversas, ora concordantes, ora divergentes, ora, ainda, complementares ao discurso do outro. É nesse jogo dialógico/dialético que se constitui o sujeito, sua consciência. (Bakhtin, 1992).

A partir dessas observações, e para contemplar o objetivo desta oficina, retomamos, então, o segundo aspecto que compõe esse objetivo, qual seja, discutir os cuidados na escolha das estratégias e dos procedimentos para a composição do *corpus* e as possibilidades de análise/interpretação dos dados.

### **Sobre estratégias, procedimentos, recursos e materiais na investigação com crianças**

Afirmamos, acima, que o conceito de infância é determinado pelas condições sócio-históricas e pelas práticas discursivas que perpassam essas condições para assinalar que essa posição teórica determina práticas de investigação em que as ações humanas são compreendidas e explicadas nas suas relações com as condições históricas, institucionais e culturais nas quais elas ocorrem (Wertsch, 1993) e que a linguagem é considerada prática social privilegiada, desempenhando, portanto, papel central na compreensão do humano e na prática da pesquisa. São essas observações que nos orientam na prática da pesquisa com crianças. Assim, acreditamos que a criança pode produzir discursos sobre si mesma, sobre o(s) outro(s) e sobre os eventos, de forma que possa existir a partir de seu próprio discurso, de sua maneira própria de ver e de pensar. A emergência desses discursos, no entanto, é possibilitada, mesmo facilitada, com o recurso a procedimentos e materiais diversificados como histórias, produção de desenhos e de pinturas, *bricolage* na construção de espaços e situações. Esses recursos têm sido utilizados em pesquisas que vimos desenvolvendo e em orientações de dissertações de mestrado de nossos

alunos, ambas vinculadas ao Núcleo de Estudos Sócio-Culturais da Infância e Adolescência – NESCIA -, do Departamento de Psicologia da UFRN. É deles que nos ocupamos a seguir, com exemplos extraídos das pesquisas acima referidas.

#### - A história

Contada, lida, recriada, dramatizada, qualquer que seja a modalidade de expressão, a história faz parte do universo infantil. Os Contos de Fadas tradicionais e a literatura infantil, de modo geral, são recursos extremamente ricos e diversificados, no sentido de possibilitarem aos pais, aos educadores, aos profissionais que lidam com crianças, um instrumento que, por suas características - diversidade temática, possibilidades de situações imaginárias e de fantasias, ilustrações, desfechos para conflitos relacionais, dentre outras -, possuem um poder de sedução e de centralização da atenção da criança incomparável com outras estratégias. Assim, personagens são reverenciados ou abominados, desfechos são aplaudidos ou contestados, enfim, uma ampla mobilização – cognitivo-afetiva - é desencadeada na criança, a partir de atividades com histórias.

Com o objetivo de investigar os sentidos e valores que crianças, nas mais diversas possibilidades de desenvolvimento, atribuem à sua condição de *ser infância*, venho recorrendo, à História de Pinóquio (Collodi, 1992). O recurso a ela deu-se pelo fato de que seu personagem principal - Pinóquio - é, inicialmente, um boneco de madeira que, em função de um desejo de seu criador - Gepeto - transforma-se em “menino de verdade”. Assim, toma-se o “ser menino de verdade” como idéia central para a investigação, e a partir dela apresenta-se algumas indagações à criança, quais sejam: como ele seria, que coisas ele faria, onde, como e com quem viveria? Dependendo do objetivo da pesquisa, há possibilidades de se formular outras questões relacionadas, por exemplo, à dinâmica familiar, à escola. Em uma pesquisa com crianças vítimas de violência física intrafamiliar<sup>6</sup> procuramos investigar os padrões de socialização que permeiam as relações entre os membros da família, tomando como referência as ações de Pinóquio e de Gepeto no que diz respeito à desobediência e suas conseqüências. Assim, à criança foram possibilitados a expressão e o julgamento tanto de seu posicionamento quanto daquele assumido pelo adulto, diante de uma condição que envolve autoridade e poder por parte deste último.

Algumas das questões apresentadas as crianças responderam da seguinte forma<sup>7</sup>:

**Ex. 1.** (P.) Como você imagina que o Gepeto faria com ele, por exemplo, se ele fizesse alguma coisa que o Gepeto não gostasse? O que quê aconteceria com ele?

(Cr.) O Gepeto, pai dele, ia dar uma surra nele (...) grande (...) com a sandália, com o cinturão. (...)

(P.) E você acha, assim, por exemplo, você falou que quando ele fizesse coisa que o Gepeto não gostasse, o Gepeto ia bater nele, não é? E você acha que o Pinóquio ia, é... como você acha que o Pinóquio ia, deixa eu refazer a pergunta. Como você acha que o Pinóquio ia se sentir quando ele apanhasse do Gepeto?

(Cr.) Ia chorar, ia ficar triste, ia ficar pensando que não era pra ele fazer aquele negócio que ele fez de errado.

(P.) E você, agora, pra você, você acha que o Gepeto tá certo em bater no Pinóquio, ou tá errado?

(Cr.) Tá certo, tá errado; ele tá mais certo, porque ele fez uma coisa errada. (...)

(P.) E você acha alguma forma que o Gepeto poderia fazer, sem ser bater no Pinóquio?

(Cr.) Não.

(P.) Tem alguma outra coisa que ele poderia fazer? Só bater, quando ele fizesse alguma coisa errada?

(Cr.) Só!

<sup>6</sup> Trata-se de um projeto de pesquisa em desenvolvimento, intitulado *Infância: sentidos e valores atribuídos por crianças vítimas de violência física intrafamiliar*, cadastrado na Pró-Reitoria de Pesquisa, da UFRN, com participação dos alunos de graduação em Psicologia Cíntia Lobato, Cynara Ribeiro e Leonardo Cavalcante, Bolsistas de Iniciação Científica.

<sup>7</sup> Trata-se da transcrição literal do processo de pesquisa.

Esse exemplo, assim como outros dos quais dispomos, é ilustrativo de como uma história pode desencadear, na criança, um discurso em que emergem a caracterização de sujeitos, o teor das relações entre eles, as soluções propostas para as ações constitutivas dessas relações, o julgamento da ação do outro, enfim, um discurso que revela a própria constituição da subjetividade da criança, dos padrões de socialização aos quais ela está exposta.

#### - *O desenho e a pintura*

Embora sejam atividades diferenciadas, do ponto de vista dos materiais empregados e dos próprios procedimentos a eles relacionados, estamos agrupando essas duas formas expressivas, considerando que as diferenciações não anulam as semelhanças; ambas são atividades que têm por objetivo a representação de algo - de si, do outro, dos objetos, da natureza, dos acontecimentos -, envolvem a coordenação de mecanismos biológicos - motores, cerebrais, sensoriais, perceptivos - para a representação pretendida e estão sujeitos a múltiplas e indefinidas significações.

Enquanto alguém que olha, interpreta e analisa, portanto, atribui significado(s) às produções infantis, o pesquisador se posiciona, nessas ações, pautado pelos referenciais teórico-metodológicos que orientam sua pesquisa. Portanto, não é único o olhar ao qual a expressão da criança está sujeita. Nesta oficina, coerente com sua fundamentação teórica, o desenho e a pintura - livres ou com direcionamento temático - são considerados formas de acesso ao universo da criança e que, acompanhados da expressão lingüística, são reveladores de sua cultura, sua história, sua imaginação, suas fantasias. Ainda, considerando a afirmação que fizemos em outro contexto deste trabalho, esses recursos são possibilidades que as crianças têm de produzir discursos sobre si mesmas, sobre o(s) outro(s) e sobre os eventos, revelando, assim, sua maneira própria de ver e de pensar a realidade<sup>8</sup>.

Retomando a pesquisa da qual extraímos o Ex. 1., além da história de Pinóquio, recorreremos à produção de desenho livre, de desenho com orientação temática - a família de Pinóquio, uma família qualquer e a família da própria criança - e à interpretação de desenhos - expressões faciais diferenciadas<sup>9</sup>. Diante desse último recurso, foi solicitado às crianças que identificassem sentimentos como alegria, tristeza, raiva, medo, culpa e reações como surpresa e susto. A atividade, assim, propiciou-nos a exploração desses sentimentos, no sentido de revelar situações do cotidiano da criança em que tais sentimentos e reações emergem, tanto na dinâmica das relações familiares, quanto nas interrelações que a criança estabelece com amigos, colegas da escola, de brincadeiras.

Como ilustrativo dessas atividades temos:

**Ex. 2.** (depois de ter desenhado uma família qualquer, foram identificadas as pessoas que a compõem: pai, mãe e duas filhas.) Assim, o pesquisador busca explorar os temas relacionados à família.

(P.) (dirigindo-se à bolsista de IC que acompanhou a pesquisa). Ela disse que é uma família que tem uma menina de dez anos, mais velha, tem uma pequena, de seis, tem uma mãe que tem mais ou menos 35 anos, tem um pai de 45. Eu perguntei como é que era essa família, ela disse que achava que era uma família feliz.

(P.) (dirigindo-se à cr.). E por que essa família é feliz?

---

<sup>8</sup> O desenho e várias outras formas expressivas enquanto atividades espontâneas e próprias da criança pensar sua realidade são amplamente exploradas em uma pesquisa realizada com crianças da tribo Guarani/Kaiowá, por Ivan Darrault-Harris e Sonia Grubits, (2000), ao qual remetemos o leitor. Já na pesquisa de Sueli Ferreira (1998), há ênfase nas situações interativas criança-criança (pré-escolares), criança-adulto, como determinante da dinâmica das significações das produções das crianças. A importância do recurso ao desenho enquanto instrumento de pesquisa com crianças pequenas (faixa etária de 0 a 6 anos) é abordada por Gobbi (2002).

<sup>9</sup> Extraídas e ampliadas de *O maravilhoso mundo dos Fantoques - Uma iniciação à deliciosa arte de ensinar brincando*, de Mirly C. de Oliveira, p. 65.

(Cr.)<sup>10</sup> Porque ela (referindo-se à menina de dez anos) não faz as coisas erradas; se a mãe dela mandar ela fazer um negócio, ela faz, não faz como o Pinóquio; o pai dele mandou ele fazer uma coisa, ele fez outra.

**Ex. 3.** (Identificando, nas expressões faciais, sentimentos e reações. Mesma criança do exemplo 2.)

(P.) E quando é que você sente tristeza, quando é que você fica triste?

(Cr.) Quando alguém me culpa ou quando, assim, é quando fica atrás de me pegar pra bater em mim, quando elas querem bater em mim, sem ser meu pai ou minha mãe. Só isso.

(P.) E quando seu papai ou sua mamãe bate em você, você não fica triste, não?

(Cr.) Não, que eu fiz alguma coisa errada.

(P.) Ah. Ta certo. E raiva, quando é que você sente raiva? E quando é que você sente raiva?

(Cr.) Quando minha mãe sai pros canto e num me leva quando é bom, e quando meu pai bate em mim, quando minha avó briga comigo. Pronto; só isso mesmo.

Nos dois exemplos acima, que envolvem, respectivamente, produção e interpretação da expressão gráfica, podemos observar que, enquanto procedimentos de pesquisa, essas expressões são oportunidades que as crianças têm para expressarem sentimentos, idéias, experiências de vida, e constituem-se enquanto vias de acesso do pesquisador até eles. Neste sentido, um exemplo do que foi possível depreender do discurso da criança e que consideramos importante observar é o que ela revela como indicador da felicidade da família, ou seja, a obediência aos pais, no cumprimento das determinações ditadas por eles. Esse componente de submissão foi muito recorrente no discurso das crianças. Além disso, no ex. 3., a criança admite a possibilidade dos pais baterem nela. Na sequência do procedimento, no entanto, observamos que admitir apanhar dos pais não é um julgamento passivo, uma vez que está acompanhado de sentimentos de raiva em relação a eles. A sequência do processo de investigação aqui apresentada teve por objetivo mostrar que o pesquisador deve estar atento, no próprio contexto do trabalho empírico, à necessidade de aprofundamento do tema, de forma a obter complementaridade e interligação das informações que nele emergem. Assim, no exemplo citado, do ponto de vista do trabalho do pesquisador, parar o processo de investigação após obtido o primeiro bloco de respostas resultaria em incompletude de informações e, conseqüentemente, o comprometimento das possibilidades de análise e interpretação dos dados.

#### *- Bricolage na construção de espaços e de situações*

Assim como a história, o desenho e a pintura, a utilização de materiais empregados nas “sessões de *bricolage*”<sup>11</sup>, - embalagens de produtos (vidros, plásticos e tampinhas, de diferentes formas e tamanhos); retalhos de tecidos, botões, carretéis, linhas e barbantes; materiais escolares, geralmente de educação artística (tintas, tesoura, cola, lápis, pincéis) e materiais da natureza (pedras, folhas, sementes e pedaços de troncos e galhos de árvores, areia), - tem sido um recurso na investigação com crianças que possibilita ao pesquisador observar, registrar e analisar as ações desses sujeitos na construção, na renovação e na expansão de funções e de significados dos espaços e das experiências do cotidiano. Família, escola, bairro, são, assim, reproduzidos com esses materiais, exigindo da criança a coordenação dos aspectos cognitivos, afetivos e sociais, já sinalizados neste trabalho quando da apresentação do desenho e da pintura.

O discurso suscitado nessas condições revela-nos a dimensão do poder de criação de idéias e de novos signos pela criança. Além disso, as situações (re)criadas são impregnadas de emoções nas quais, de acordo com Leonhardt, “a criança se torna capaz de movimentar-se nos

<sup>10</sup> Criança de 10 anos, aluna regular de uma das escolas públicas do município de Natal em que realizamos o trabalho empírico.

<sup>11</sup> Em Leonhardt (1990) o leitor encontra uma discussão sobre as possibilidades da *bricolage* no trabalho terapêutico com crianças. Assim, a autora, apoiada na teoria de Claude Lévy-Strauss, afirma que “trabalhando seu pensamento através de imagens tornadas significantes, a criança estabelece ligações entre o mundo externo e seu próprio mundo interior: uma cadeia de elos invisíveis se forma, tornando permutáveis elementos antes percebidos estaticamente”. (p. 372).

dois universos, com maior flexibilidade – o sensível e o racional, o imaginário e o real, classificando a vida com critérios mais ricos e, ao mesmo tempo, mais fundamentais”. (Leonhardt, 1990, p. 372).

Por fim, gostaríamos de observar que todos esses materiais podem ser utilizados pelas crianças independente de “sessões planejadas” pelo pesquisador. Dele é esperado que observe os contextos de uso e as funções atribuídas a tais materiais, pois também compreendem conteúdo da investigação. Em uma pesquisa que teve por objeto a expressão do lúdico em crianças em situação de trabalho<sup>12</sup> - beneficiamento da castanha de caju -, em observações livres dos seus contextos de desenvolvimento foi possível registrar a utilização de embalagens de detergentes - que no contexto de trabalho servem para armazenar água para esfriar as castanhas de caju assadas - como instrumento na brincadeira de correr e esguichar água entre elas. Em outra situação, ainda, um resto de tronco de um cajueiro ganha um sentido especial – o de tornar-se uma moto que “permite” à criança deslocar-se até a cidade para comprar chocolate. Sons e gestos compõem a ação de “pilotar a moto” etc., todas expressões significativas para os objetivos daquela pesquisa.

(Re)criação, transformação, expansão, renovação de elementos e de situações: todas essas ações são passíveis de emergirem no processo de construção do *corpus* da pesquisa, com a utilização da *bricolage*. O senso de exploração do pesquisador é que permitirá a emergência das idéias, sentimentos, emoções e vivências das crianças em toda sua profundidade e extensão, manifestas nessas situações.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme sinalizado no início deste trabalho, procuramos discutir algumas das especificidades da pesquisa com crianças. É importante ressaltar, neste momento, que as estratégias, procedimentos e materiais aqui selecionados não dão conta da diversidade de recursos de que dispõe o pesquisador para a constituição do *corpus* da pesquisa. No entanto, por suas características e por serem recursos que, de forma bastante acentuada, povoam o universo e o cotidiano infantis, foram privilegiados aqui, na crença de que eles revelam a percepção que a criança tem desse universo e cotidiano, de que deixam transparecer os temas, conteúdos e tramas que os habitam e de que manifestam as ressonâncias afetivas que, invariavelmente, os acompanham.

## BIBLIOGRAFIA

- ARIÈS, P. *História Social da Criança e da Família*. RJ: LTC Editora. 1981.
- BECCHI, E. e JULIA, D. *Histoire de L'Enfance em Occident. De l'antiquité au XVII<sup>e</sup> siècle. Tomo I e II*. Paris: Seuil. 1998.
- BAKHTIN, M. *Estética da Criação Verbal*. SP: Martins Fontes. 1992.
- BAKHTIN, M. (V. M. Volochínov). *Marxismo e filosofia da linguagem*. SP: Hucitec. (1995/1929)
- BOTO, C. O desencantamento da criança: entre a Renascença e o Século das Luzes. In M. C. de Freitas e M. Kuhlmann Jr. (orgs.). *Os intelectuais na história da Infância*. SP: Cortez Editora. 2002.
- BUJES, M. I. E. *Infancia e Maquinarias*. RJ: DP&A Editora. 2002.
- CAUVILLA, W. Sobre um momento da constituição da idéia de Infância: ponto de vista de um historiador. *Estilos da Clínica*. Vol. IV, nº 6, julho, pp. 72-79. 1999.
- CHARLOT, B. *A Mistificação Pedagógica – Realidades sociais e Processos Ideológicos na Teoria da Educação*. RJ: Zahar Editores. 1983.
- COLLODI, C. *As aventuras de Pinóquio*. SP: Paulinas. 1992.
- CORAZZA, S. M. *História da Infância sem fim*. Ijuí, RS: Editora Unijuí. 2000.

---

<sup>12</sup> Trata-se da dissertação de mestrado de Indira Caldas C. de Oliveira, *Infâncias: o valor do lúdico nas tramas do trabalho infantil*. Orientação: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Rosângela Francischini, Programa de Pós-Graduação em Psicologia/UFRN. Natal: 2004.



- *Infância & Sociedade. Era uma vez .... quer que conte outra vez?* Petrópolis, RJ: Vozes. 2002.
- DARRAULT-HARRIS, I., GRUBITS, S. *Psicossemiótica na Construção da Identidade Infantil*. SP: Casa do Psicólogo. 2000.
- DEL PRIORE, M. (org.). *História da criança no Brasil*. SP: Contexto. 1998
- FARIA, A. L. G.; DEMARTINI, Z. B. F. e PRADO, P. D. *Por uma cultura da Infância – metodologia de pesquisa com crianças*. Campinas: Editora Autores Associados. 2002.
- FERREIRA, S. *Imaginação e Linguagem no desenho da criança*. Campinas: Papirus. 1998.
- FREITAS, M. C. e KUHLMANN JR., M. *Os intelectuais na história da Infância*. SP: Cortez Editora. 2002.
- GOBI, M. Desenho Infantil e Oralidade: instrumentos para pesquisas com crianças pequenas. In A. L. G. de Faria; Z. B. F. Demartini & P. D. Prado (orgs.). *Por uma cultura da Infância - metodologias de pesquisa com crianças*. Campinas: Editora Autores Associados. 2002.
- LEONHARDT, D. R. O Laboratório de bricolagem e algumas relações com a compreensão do processo de aprendizagem. In: SCOZ, B. J.; RUBINSTEIN, E.; ROSSA, E. M. M. e BARONE, L. M. C. (Orgs.) *Psicopedagogia*. São Paulo: Artes Médicas. 1990.
- MACEDO, N. M. *A apreciação musical infantil: aspectos da constituição da infância contemporânea no discurso de crianças do Ensino Fundamental*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Natal: UFRN. 2005.
- OLIVEIRA, I. C. C. Infâncias: o valor do lúdico nas tramas do trabalho infantil. *Dissertação de Mestrado*. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. UFRN. Natal. 2004.
- OLIVEIRA, M. C. *O Maravilhoso mundo dos Fantoches – Uma iniciação à deliciosa arte de ensinar brincando*. Venda Nova/MG: Editora Betânia S/C. 1988.
- PEREIRA, A. M. A. *A Infância no âmbito do Discurso dos Parâmetros Curriculares Nacionais*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Natal: UFRN. 2004.
- SARMENTO, M. *As Culturas da Infância nas encruzilhadas da 2ª. Modernidade*. Acessado em fevereiro de 2004 no Word Wide Web: [www.iec.uminho.pt/cedic](http://www.iec.uminho.pt/cedic). 2004
- VYGOTSKI, L. S. *Obras Escogidas*. Madri, Visor Distribuciones. 1995
- *Pensée & langage*. Paris: La Dispute. (Traduction de Françoise Sève). 1997.
- WALLON, H. *Objectivos e métodos da Psicologia*. Lisboa: Editorial Estampa. 1973
- *Psicologia e educação da criança*. Lisboa: Editorial Vega. 1979
- . Centenaire d'Henri Wallon. *Enfance*, n. 5. 1979a.
- WERTSCH, J. *Voces de la Mente. Un enfoque sociocultural para el estudio de la Acción Mediada*. Madrid: Visor Distribuciones. (1993/1991).

Artigo originalmente publicado em Anais do IV Fórum de Investigação Qualitativa / III Painel Brasileiro/Alemão de Pesquisa. IQ 2005, realizado de 18 a 20 de agosto de 2005, na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora/MG.

**Edição em CD Rom – Edições FEME, agosto/2005.**

---

Rosângela Francischini: [rfranci@uol.com.br](mailto:rfranci@uol.com.br)

Herculano Ricardo Campos: [herculanocampos@uol.com.br](mailto:herculanocampos@uol.com.br)